

O ARQUÉTIPO MÍTICO DE AFRODITE NO ROMANCE *PRESENÇA DE ANITA*, DE MÁRIO DONATO

Jhonatan Leal da Costa

Universidade Federal da Paraíba – E-mail: jhonatan_leal@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Afrodite, a deusa da beleza e do amor, se mantém viva no Ocidente de hoje. De divindade grega provinda de mitologias da Antiguidade à produto a ser consumido pela cultura pop, ela se ramifica, assim como os demais temas e personagens da Grécia Antiga, por nichos, artes e estéticas com peso, público e qualidades representacionais diferenciados.

Hoje, o símbolo de seu espelho (um círculo com uma pequena cruz embaixo) é estandarte de lutas feministas. Na saga de livros para crianças e adolescentes *Percy Jackson e os Olimpianos*, de Rick Riordan (2015), Afrodite faz com que personagens se enlacem e desenlacem amorosamente conforme seus próprios interesses. Já no seriado de tv *Xena, a princesa guerreira* (1995-2001), a deusa grega surge como recurso para alívio cômico.

Para além da política, literatura, cinema e televisão, a deusa do amor também tem se manifestado em pinturas, jogos de videogame, tatuagens, e, inclusive, servido de inspiração para nomes de bandas de forró. Sua popularização indiscutível assegura a relevância social que tem os mitos gregos na contemporaneidade e, em se tratando da sociedade de consumo, que cultua a descartabilidade e reforça os amores líquidos deflagrados por Bauman (2004), a imagem de Afrodite, associada ao desejo, o prazer e a beleza, torna-se o reflexo de nosso tempo e dos costumes de nossa coletividade.

Apesar das inúmeras referências diretas existentes hoje à Afrodite, muitas representações ainda se conectam à deusa de modo indireto ou inconsciente. Nessas ocasiões, a ausência de menção explícita à divindade não impede que seus traços e características possam vir a ser percebidos por um conhecedor de sua simbologia. É o caso do romance *Presença de Anita*, escrito por Mário Donato em 1947 e publicado no ano seguinte.

O “livro maldito”, como ficara reconhecido no período de sua publicação, narra a história erótica, polêmica e ousada de Anita, uma moça ardilosa com nuances de menina que usa de seu corpo livre e atraente para conseguir o que quer. Sem economizar em charme, sexo, brincadeiras, dissimulação, chantagens e mentiras, Anita usa do verbo e da sexualidade para

dominar e exercer controle sobre os que estão a sua volta: principalmente em cima daqueles que ela elege para receberem o seu amor.

Não seria este, pois, um perfil bastante similar ao da vaidosa Afrodite, capaz de grandes infidelidades e manipulações exercidas com as artimanhas da sedução?

Para investigar a possibilidade de aproximação, distanciamento e/ou similaridade entre as duas personagens, faremos uso da terminologia *arquétipo* cunhada por Carl G. Jung (2016, p. 122), o qual define que “os arquétipos são ao mesmo tempo imagem e emoção; e só podemos nos referir a arquétipos quando esses dois aspectos se apresentam simultaneamente”.

Norteados pelos dizeres de Jung (2016, p. 122), o qual pondera que “os arquétipos só adquirem expressão quando se tenta descobrir, pacientemente, por que e de que maneira eles têm significação para um determinado indivíduo vivo”, analisaremos, não em um indivíduo vivo, mas em uma personagem – extensão ficcional de possível correspondência de seres vivos da exterioridade – se há valor de sentido mítico na narrativa brasileira escolhida para este estudo.

Sendo assim, buscaremos compreender, através do texto mítico de Homero (2010), mais precisamente em “Hino à Afrodite”, quais imagens e emoções carrega o arquétipo de Afrodite, para, simultaneamente, confrontá-lo com a forma e os sentimentos com que a personagem de Anita se manifesta. Ação que confirmará ou refutará a hipótese de que a musa da literatura erótica brasileira é regida pelo arquétipo da deusa do amor.

Ao final desta pesquisa, esperamos trazer, dentro das limitações impostas pela extensão de um artigo, apontamentos sobre o que estaria por trás do poder de popularização da personagem mitológica Afrodite e quais suas possíveis implicações para as narrativas do Ocidente da modernidade, tendo como objeto de constatação o romance proibido *Presença de Anita*.

A AFRODITE BRASILEIRA

Afrodite tem seu entorno formulado por lendas distintas que não compõem uma narrativa linear, mas eventos variados a contarem com a sua participação. Existem, por exemplo, duas fortes tradições para a explicação do nascimento de Afrodite, identificada em Roma como Vênus, a divindade itálica. Para Homero, Afrodite é filha de Zeus e de Díone, ao passo que para Hesíodo, na *Teogonia*, ela surge de uma intervenção de Cronos, filho do Céu/Urano e da Terra/Gaia, que decide exterminar o próprio pai após ser impedido de ver a luz.

Por essa razão, ao considerarmos que Anita é regida pelo arquétipo de Afrodite, é fundamental que, além das semelhanças entre as duas personas, evidenciemos os distanciamentos apregoados pelas interferências do tempo, do espaço e da própria construção subjetiva de cada uma.

Se Afrodite é uma deusa grega responsável pela perpetuação da vida, do prazer e da alegria, cantada por Homero (2010, p. 98) como “a mais bela entre as deusas imortais”, Anita é uma mortal brasileira, exuberante, nascida no século XX, desempregada, solteira, que vive da herança deixada por um de seus amantes, narrada por Donato (2001, pp. 34-6) como “uma dona-de-casa” de “psicologia ordenada, exigente nos detalhes, minuciosa, mas nada convencional”: “sou uma vagabunda. Posso passar o dia inteiro deitada no divã imaginando coisas”.

Apesar disso, existe bastante aproximação na imagem e na emoção expressa pelas duas figuras femininas: ambas são retratadas como mulheres de beleza acima do esperado, capazes de usar da sedução para realizar seus caprichos e afirmarem, para si mesmas e para os outros, uma posição de poder.

Para Homero (2010, p. 100), a maneira como Afrodite lida com o seu desejo fora determinada pelo seu pai, Zeus:

Mas Zeus, por sua vez, lhe [sc. Afrodite] incute no coração o doce desejo de se unir a um homem mortal, para que ela não fosse afastada rapidamente de um leito humano, e assim, ela própria, Afrodite que ama o pênis, nunca diria entre os deuses, vangloriando-se com um doce sorriso, que já havia unido tanto os deuses às mulheres mortais, que deram aos imortais filhos mortais, como também uniu as deusas aos homens mortais.

O desejo que Zeus, pai de Afrodite na tradição homérica, incute na filha “que ama o pênis” de unir-se a um homem mortal, também é percebido, em outros termos, na trajetória de Anita.

Criada por uma mãe severa e um pai bêbado que não arcava com as despesas da casa, Anita, ainda criança, afetivamente desestruturada, sai em busca de quem pudesse preencher os seus vazios. “O pai tinha fugido com outra mulher, e sua mãe, que só pensava nele,

andava pelas delegacias, pedindo notícias, e não se incomodava com ela” (DONATO, 2001, p. 71). E dessa circunstância parental, assim como na Afrodite de Homero, o pai de Anita acaba por despertar-lhe a necessidade de unir-se a outro homem.

Aos treze anos, pela força do abandono, Anita acaba por ir morar com um senhor idoso, que a recebe, a cuida e a possui:

No começo ela tivera um pouco de nojo por causa dos seus dentes manchados de fumo. Mas, quando ele a beijava, sentia alguma coisa diferente, uma sensação, um calor e um frio ao mesmo tempo, e uma vontade de tirar toda a roupa e sair dançando pelo aposento... E foi a primeira a oferecer-lhe a boca, que ele beija profundamente, docemente, segurando-lhe a cabeça. (DONATO, 2001, p. 66).

Para Shinoda Bolen (1990, p. 349), a mulher mais intimamente identificada como Afrodite “é muitas vezes a mulher extrovertida, com ânsia pela vida e um elemento impetuoso em sua personalidade. Gosta de homens e os atrai com sua atratividade e interesse por eles”, assim como o faz Anita, que mesmo diante de um homem idoso que a princípio lhe causara nojo, sentia vontade de “tirar toda a roupa e sair dançando” para, logo em seguida, tomar a iniciativa de ela mesma se aproximar amorosamente dele.

É interessante notar, porém, que toda a aura de sedução e mistério emanada de Afrodite, bem como vem a ser implicado em Anita, não as torna ordinárias ou vulgares. Elas não banalizam a sensualidade, dosam-na em medida assertiva. Se, para balancearem os excessos, for preciso reprimir os impulsos, elas assim o fazem. Tudo no desejo de oferecer para os seus admiradores a quantidade de excitação exata por eles almejada.

Quando se vê diante de Anquises, príncipe troiano, primo do rei Príamo, “Afrodite, a filha de Zeus, colocou-se diante dele/ tal qual uma virgem não submetida ao jugo, no talhe e na aparência, / para que ele não temesse, ao percebê-la diante de seus olhos” (HOMERO, 2010, p. 102). Do mesmo modo que, Anita, em Donato (2001, p. 39), dissimula uma moral e uma pureza sexual que não lhe condiz, na ânsia de fisgar Eduardo:

Quis levá-la a um cinema ou a um teatro, mas a moça não aceitou. Foram passear pelas ruas tristes dos arrabaldes, de braços dados, namorando-se. Sob as árvores, no escuro, ela deixava que Eduardo a beijasse rapidamente no rosto e no pescoço, mas lhe fugia com a boca.

Dentro dessa questão, Bolen (1990, p. 349) argumenta que não é fácil para alguém ter Afrodite como arquétipo dominante, pois a mulher que segue a sexualidade instintiva da deusa do amor, muitas vezes fica, de um lado, emparelhada entre seu próprio desejo de “ligação sexual e sua propensão por gerar energia erótica nos outros e, de outro lado, por uma cultura que a considera mulher promíscua se ela agir de acordo com seus desejos, e uma pessoa provocante se não agir”.

Em conformidade à dissimulação do corpo, que assume gestos e posturas recatadas quando necessário, o verbo, através da mentira, também tende a corporificar o arquétipo de Afrodite. Ao perceber a resistência de Anquises em ceder às suas investidas, a deusa do amor não hesita em proferir inverdades:

- Anquises, o mais nobre dentre os homens nascidos da terra,
eu não sou nenhuma das deusas, por que me comparas aos imortais?
Ao contrário, mortal sou e a mãe que me gerou é uma mulher.
Meu ilustre pai tem por nome Otreu; talvez, de algum modo, ouviste dizer,
pois ele reina sobre toda a Frígia de fortes muralhas. (HOMERO, 2010, p. 104).

Ao perceber o receio de Anquises de vir a se relacionar com uma deusa, Afrodite engendra uma mentira capaz de abalar suas defesas. Se coloca como uma mulher mortal, comum, gerada por outra mulher e por um homem, se dizendo filha de Otreu, rei da Frígia.

Evento similar acontece em *Presença de Anita*, quando a protagonista, ao perceber a insegurança de Eduardo, que passa a evita-la em nome da esposa, faz uso de um discurso enganoso: “Oh, Eduardo! Tu não compreendes, não compreendes nada! Não vês que estou grávida? [...] Tu e todos os homens são assim mesmo: pensam que nós somos trapos que podem usar e atirar fora! [...] Tu te envergonhas de ter um filho meu?”, questiona a personagem, mentindo a respeito da gravidez (DONATO, 2001, p. 80).

Os esforços persuasivos das personas femininas analisadas neste trabalho não são em vão. Tanto as manipulações de Anita quanto as do arquétipo que lhe rege, Afrodite, são exitosas: “Dançaram agarradinhos a noite toda, ela esquecida do filho, ele se conformando com a surpresa e aliviado por senti-la tão cordata, tão amena, tão sem repentes” (*ibidem*). Já em Homero (2010, p. 108), a união sexual com um homem mortal ensejada pela deusa finalmente se concretiza:

Quando eles iam subir para o leito bem construído,
Ele é envolvido pela harmonia, beleza e brilho de seu corpo,
Seus broches, espirais recurvadas, flores e colares.
Anquises desnuda-lhe a cintura, tira-lhe as vestes brilhantes
E coloca-as sobre o trono tauxiado de prata.

O recorte trazido acima é bastante simbólico para a discussão aqui proposta. Elementos como “harmonia, beleza e brilho”, assim como “broches, espirais recurvadas, flores e colares”, utilizados como artefatos responsáveis por atrair e fascinar a escolha objetual de Afrodite, tem a sua eficácia confirmada ao serem colocados, por Anquises, sobre o “trono tauxiado de prata”.

Para Chevalier & Gheerbrant (2012, p. 910, grifos do autor), o trono “têm a função universal de *suporte* da glória ou de manifestação da grandeza humana e divina. [...] Simboliza o equilíbrio final do cosmo, equilíbrio *constituído pela integração total de todas as antíteses naturais*”.

Equilíbrio e antítese representados, por Homero, na consumação amorosa entre uma deusa e um mortal, meta desenfreada e conquistada por Afrodite, glorificada pela imagem singular das suas vestes sendo colocadas sobre a imponência de um trono de prata.

A prata, por sua vez, está em relação com o feminino: “Pertence a cadeia simbólica Lua-água, princípio feminino. Tradicionalmente, por oposição ao ouro, que é princípio ativo, macho, solar, diurno, ígneo, a prata é princípio passivo, feminino lunar, aquoso”, acrescentam Chevalier & Gheerbrant (*ibidem*, p. 739), ao trazerem imagens inteiramente ligadas à deusa de feminilidade acentuada que, na tradição de Hesíodo, nasceu da espuma das águas.

Em *Presença de Anita*, “a integração total de todas as antíteses naturais” vem a ser representada após a morte de Anita que, ao firmar um pacto de suicídio com Eduardo, acaba por morrer sozinha. Arrepentido da ideia de abandonar a vida junto com a amante, Eduardo passa a ser perseguido pelo fantasma dela – fator que acaba por prejudicar ainda mais suas relações, principalmente com Lúcia, sua esposa. Daí, também, a explicação do título do romance, visto Anita sempre vir a se fazer presente, entre os personagens, mesmo após ter partido:

Era ela, Anita morta, morta, mas viva.

A primeira frase dela foi uma censura, uma censura doída, repassada de ternura e pena, velha dos dias que se tinham passado sobre a tragédia.

- Tu não me acompanhaste!

[...] De súbito lhe ocorreu que não estava, diante dela, tão admirado como deveria estar com a aparição dum espectro – um espectro que transpunha as barreiras da morte e se corporifica – o que era espírito se fizera carne, o que era sopro ganhara presença! (DONATO, 2001, pp.253-5).

Se no mito de Afrodite a antítese natural se dá quando uma deusa copula com um mortal, em *Presença de Anita* tal imagem vem a ser plasmada quando uma mortal se corporifica em espírito, e “o que era espírito se fizera carne”, alternando a cronologia comum atribuída a transformação da matéria. Fator que também confere um traço divino a Anita, imune às determinações da biologia e da física, o que a aproxima ainda mais de seu arquétipo regente.

“O fantasma, ereto diante dele, já maior que ele, crescendo, desesperado [...] Eduardo recuou para fugir, mas na precipitação escorregou, perdeu o equilíbrio e caiu” (*ibidem*, p. 302). O temor sentido por Eduardo ao se ver nas mãos do espírito poderoso de Anita, por sua vez, dialoga com o medo vivenciado por Anquises após se deitar com Afrodite:

- No mesmo momento em que meus olhos te viram, deusa,

Eu te reconheci como divindade que eras, mas tu não me falastes com sinceridade.

Eu te suplico, por Zeus que porta a égide,

Não me deixes viver impotente entre os homens,

Mas tem piedade; pois não chega ao florescimento da vida o homem

Que se deita com as deusas imortais. (HOMERO, 2010, p. 110).

Assim como o receio de Eduardo em relação a Anita, é compreensível que Anquises, ainda que assegurasse que desde o princípio sabia estar diante de uma deusa (o que só reforça o poder de sedução que ela possui), esteja, agora, temeroso. É o que atesta Grimal (2000, p. 10), ao assegurar que “eram célebres as cóleras e as maldições de Afrodite. Foi ela quem inspirou a Eros uma paixão irresistível por Oríon, como castigo por ter cedido a Ares”. Segundo o historiador (*ibidem*), Afrodite castigou “igualmente todas as mulheres de Lemnos por não a honrarem, atormentando-as com um odor de tal modo insuportável que os maridos as trocavam pelas cativas trácias”.

No hino homérico em análise, Afrodite, após ter Anquises em posição subalterna, desejando-a, temendo-a e admirando-a, decide sentenciá-lo, apenas, com a paternidade. E, da relação amorosa que tiveram, nascem Eneias e Lirno. Anita, por sua vez, inconformada com a covardia de Eduardo, que se recusava, a todo custo, a acompanhá-la na eternidade da morte, decide atormentá-lo com a cólera e perseguição de seu espírito, quase o conduzindo ao estado de loucura. No dizer de Pachecho (2013, p. 64), Afrodite “torna-se perversa com aqueles que não se curvam a sua beleza, mostrando-se vingativa e instintiva”, e assim também o faz os guiados pelo seu arquétipo, como expusemos através de Anita.

Intensas, sedutoras, impetuosas, perigosas e intempestivas, as mulheres regidas por Afrodite, assim como a própria deusa, estão sempre em busca de mais. Essa falta de saciedade, reveladora de um vazio que tenta encontrar preenchimento através de um prazer hedonista, constantemente as fazem ser mulheres de mais de um homem, como se a satisfação delas estivesse não no objeto a ser possuído, mas nas eternas conquistas a serem desenfreadas.

“Afrodite era a mulher de Hefesto, o deus coxo de Lemnos. Contudo, amava Ares, o deus da Guerra. [...] A deusa amou igualmente Anquises, no cimo do Ida, na Troáde, e dele teve dois filhos” (GRIMAL, 2000, p. 10). Anita, seguindo a influência de seu arquétipo, foi casada com Armando, o idoso que a criara ainda menina, mas também se envolveu com Eduardo, com o adolescente Zezinho, com um artista de circo... e com quantos outros ela viesse a desejar, pois, como determina Homero (2010, p. 120), “[...] nenhum outro – nem Deuses bem aventurados, nem homens mortais – podem escapar a Afrodite”.

O OUTRO QUE HÁ EM MIM

Jung (Cf.: 2016, p. 24) acreditava que apesar de termos a ilusão de que nos controlamos, mais cedo ou mais tarde alguém dirá coisas ao nosso respeito que não tínhamos a menor consciência. Isso porque, segundo o psicólogo (*ibidem*, p. 121), o homem moderno “é, na verdade, uma curiosa mistura de características adquiridas ao longo de uma evolução mental milenária. E é desse ser, resultante da associação homem-símbolos, que temos de nos ocupar, inspecionando sua mente com extremo cuidado”.

A psique humana, independente de espaço ou de tempo, é a mesma em qualquer lugar do mundo. Defesa levantada por Campbell (1990, p. 53), o qual cria ser a psique a “experiência interior do corpo humano” e, por isso, estaria para todos nós, com os mesmos órgãos, instintos, impulsos, conflitos, medos e desejos.

Nesse sentido, os arquétipos se revelaram símbolos emblemáticos das possibilidades que, enquanto sujeitos, podemos alcançar em termos de forma e de conteúdo. Imagem e emoção que, neste trabalho, foram expressadas através da deusa grega Afrodite: estigmatizada por sua beleza física, ao mesmo tempo em que fora eternizada enquanto modelo de promiscuidade e fragilidade do caráter.

Sua popularização, direta ou indireta, nos dias atuais, ficou compreendida, através da nossa análise, quando percebemos que a deusa do amor personifica tipos e quereres frequentes, em maior ou menor grau, em qualquer subjetividade. Afrodite expressa o desejo de amar, mas principalmente o de ser amada. Desmascara a vontade inconsciente que temos de possuir os nossos objetos de desejo, além de denunciar a nossa falta e o nosso vazio interior, que clamam para não nos condicionarmos a estados de solidão.

Podemos ser fortes, podemos ser belos, podemos ser deuses, mas sempre teremos de lidar com o impulso que nos leva a querer buscar o apreço, a admiração, o afeto, e o amor do outro – mesmo que esse outro acabe por transformar-se em vários outros, trazendo a constatação da insuficiência das relações que estabelecemos com o mundo e com nós mesmos.

Máximo expoente da beleza grega, Afrodite reflete a nossa frágil vaidade, como se o nosso valor, para ser assegurado, precisasse ser posto à prova incansavelmente. E não é exatamente isso o que fazem os sujeitos em tempos de *curtidas*, *compartilhamentos*, *Facebook* e *Instagram*?

Reféns da imagem que fazem ou que gostariam de ter de si mesmos, os influenciados por Afrodite tendem a ser grandes manipuladores, visto precisarem ter a certeza de que são capazes de controlar as emoções que os outros sentirão ao seu próprio respeito.

Nesse contexto, notamos que, ainda que não tenhamos grandes mitos na nossa

contemporaneidade (Cf.: CAMPBELL, 1990, p. 09), os mitos gregos permanecem vivos através de sentidos simbólicos e arquetípicos. Foi o que contatamos, neste artigo, por meio da análise da protagonista do romance *Presença de Anita*, a qual vem a reatualizar a personagem de Afrodite em nossa modernidade.

Regida pelo arquétipo da deusa do amor, Anita cristaliza temas levantados pelas tradições de Hesíodo e de Homero, como sedução, beleza, mentira, traição, morte e vingança, assegurando a atemporalidade da mitologia grega na maneira como produzimos, nos organizamos e definimos quem somos. Sua trajetória de infortúnios, abandonos e derrotas, no entanto, surgem-nos como um importante aviso de que, conforme defendera Todorov Tzvetan (2011, p. 323), a beleza não basta “para ordenar uma existência humana”.

REFERÊNCIAS

APOLODORO. **Biblioteca Mitológica**. Traducción Julia García Moreno. Madrid: Alianza Editorial, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Amores líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BOLEN, Jean Shinoda. **As deusas e a mulher: psicologia das mulheres**. Tradução de Maria Lydia. 2ª ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. V1. 17ªed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CHEVALIER, Jean & ALAIN, Gheerbrant. **Dicionário de símbolos**. Tradução de Vera da Costa e Silva. 26ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

DONATO, Mário. **Presença de Anita**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)**. Tradução de Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GRIMAL, Pierre. **Dicionário da mitologia grega e romana**. Tradução de Victor Jabouille. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____. **A mitologia grega**. 2ª ed. Coleção Saber. São Paulo: Publicações Europa-América, 2013.

JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. Tradução de Maria Lúcia Pinho. 3ª ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016.

HOMERO. **Hinos Homéricos**. Tradução Edvanda da Rosa et alii. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

PACHECO, Simone Adelina. “O arquétipo mítico feminino na obra *As meninas*, de Lygia Fagundes Telles”. **CES Revista**. V. 27, n. 2, Jan 2013, p. 59-76.

RIORDAN, Rick. **Percy Jackson e os Olimpianos**. São Paulo: Intrínseca, 2015.

TERENZI, Juan Manuel. “Do Caos à espuma: o sinuoso percurso de Afrodite”. In: **DAPesquisa**. V. 10, n. 13, Junho de 2015, p 63-74.

TODOROV, Tzvetan. **A beleza salvará o mundo**. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e Religião na Grécia Antiga**. Tradução Joana Angélica D’Avila Melo. São Paulo: Martins Fontes, 2006.